



HIV: Transmissão da mãe para o recém-nascido

*"Estratégias e intervenções para prevenir a transmissão da mãe para o recém-nascido são importantes meios para fortalecer sistemas de saúde, reduzir o impacto da AIDS e mobilizar a sociedade para combater HIV/AIDS" -UNICEF*

Existem várias formas de encararmos a crise mundial da AIDS. Podemos observar a situação das mulheres no mundo – o fato de na África existirem 14 mulheres para cada 10 homens infectados. Podemos observar também o impacto em certas populações, como em homossexuais no mundo todo, ou a incidência do vírus em populações indígenas. Ou ainda podemos observar o problema da transmissão da mãe para a criança (transmissão vertical).

Transmitir da mãe para o recém-nascido é uma fonte importante da AIDS e da infecção por HIV. Pode ocorrer durante a gravidez, através da placenta, mas é mais comumente transmitida através do parto, ou ainda da amamentação. Existem várias formas de reduzir a chance de transmissão. Um parto adequadamente realizado, por exemplo, pode ajudar a parar a troca de sangue, assim como optar por uma cesárea eletiva em vez de um parto vaginal. Para isso seria necessária mais capacidade médica, particularmente na África, onde 95% de todas as mulheres grávidas soropositivo residem.

Reduzir o tempo de amamentação ou mesmo evitar tem mostrado que diminui a taxa de transmissão, mas isso implica em outras questões. Primeiramente, é muito comum na África que as mães amamentem suas crianças até os dois anos de idade, muitas vezes pelo efeito contraceptivo. Reduzir esse tempo para seis meses pode diminuir o risco de transmissão em 2/3, mas essa mudança de hábito significa mudar valores culturais. Amamentação é a maneira mais segura das mulheres africanas alimentarem seus filhos, devido a presença de anticorpos no leite materno, o que os protege das bactérias. A tática de algumas empresas produtoras de leite em países subdesenvolvidos é bem conhecida. Algumas delas são bastante criticadas pela OMS por não colocar nas suas embalagens instruções na língua das minorias ou não colocar figuras para que possam ser entendidas por pessoas que não sabem ler.

O preço do leite industrializado é tão alto que é comum as mães diluírem, inadvertidamente causando problemas nutricionais nas suas crianças. Mortes infantis de diarreia e desnutrição são comumente ligadas a uso de leite fraco demais ou misturado com água contaminada. Mulheres pobres, que antes haviam sido informadas que a amamentação era o melhor para seus filhos, agora estão sendo informadas que o seu próprio leite pode infectar seus filhos com HIV. Mesmo assim recém-nascidos que não são amamentados morrem seis vezes mais nos primeiros dois meses de vida.

A transmissão através da amamentação também pode ser diminuída com cuidados em mulheres com feridas e/ou rash nos seios ou recém-nascidos com lesões na boca, além de melhorias nas condições de parto, o que necessita de uma infra-estrutura médica que simplesmente não existe. Em alguns países, como no Brasil, soluções inovadoras, como a criação de bancos de leite, mulheres que amamentem no lugar das mães e aquecimento rápido do leite antes de amamentar. Todas essas medidas vêm sendo efetivas, mas a difusão da educação e o suporte para mães ainda são necessários.

O tratamento padrão para grávidas soropositivas são drogas chamadas antiretrovirais, usualmente administradas antes e durante o nascimento. Enquanto essas drogas chamadas antiretrovirais têm se mostrado efetivas, existe controvérsia sobre seu uso. Muitas pessoas na África acreditam que essas medicações não ajudam contra AIDS, ou então não tem acesso sobre o seu uso, ou ainda não possuem água limpa para tomá-las.

O uso de medicamentos para diminuir a transmissão materna tem criado discussões sobre industriais farmacêuticas e seu papel na saúde pública. Uma droga comum como o AZT tem sido responsável por escândalos e há suspeitas de efeitos colaterais tóxicos. Outra dificuldade de tratar AIDS na África são as medicações genéricas que são feitas muitas vezes na China, e que não são efetivas. Mulheres que tomam essas medicações muitas vezes morrem, aumentando ainda mais a desconfiança sobre o uso de medicações na AIDS.

Existe também o problema do custo. Uma droga comum, Nevirapina, custa oito dólares por dose, somando-se aos problemas financeiros existentes em alguns locais da África. O custo das drogas antiretrovirais, juntamente com a falta de confiança e informação que as cerca, vem impedido que milhares de mulheres africanas parem de ter acesso a cuidado da saúde que necessitam. Além disso, existe evidências que o HIV está se tornando resistente a Nevirapina.

Quando mulheres já são HIV positivo, esforços para diminuir a transmissão têm normalmente foco nas estratégias já descritas. Entretanto, isso é parte de uma estratégia que tem como objetivo tanto a prevenção em casais que estão pensando em ser pais como também prevenir gravidezes indesejadas em pacientes soropositivos. Quando a gravidez é planejada, existem inúmeras alternativas que podem reduzir bastante a chance de transmissão.

Estima-se que 1% de todas as grávidas sejam HIV positivo. Quase todas vivem em países subdesenvolvidos com acesso limitado ao tratamento médico. Atualmente, 700.000 recém-nascidos são infectados com HIV todo ano, tanto dentro do útero, como no parto ou na amamentação. Existem cinco milhões de crianças HIV positivo no mundo, 90% vivem em nações subdesenvolvidas. Facilmente podemos projetar o impacto futuro desse modo de transmissão. Quando crianças nascem de mães doentes, elas podem se tornar órfãs muito cedo, e crescer na pobreza, privadas de

educação. Órfãos da AIDS muitas vezes acabam nas ruas, ou vão roubar e se prostituir para sobreviver – existem mais de um milhão apenas na África do Sul. Se essas crianças são HIV positivo, as suas chances de sobrevivência são mínimas. Como uma crise econômica e medica, não existem precedentes.

Na África, uma a cada cinco mulheres com menos de 25 anos tem HIV, o problema esta a ponto de ter uma explosão massiva. Esse e um assunto difícil de se resolver, com muitos sentimentos envolvendo o assunto da amamentação e a falta de informação exacerbando o problema. Novas formas de abordagem têm como objetivo o teste de HIV confidencial e o aconselhamento para todas as mulheres em idade fértil, em uma tentativa de acabar com alguns estigmas e desinformação sobre a doença. Alguns países africanos, como Botsuana e Lesotho, estão introduzindo testes durante a gravidez, em que todas as mulheres fariam esses testes a não ser que deixem claro que não querem. Essa abordagem e recomendada pelo Centre for Disease Control. Como com todas as estratégias para ajudar mulheres e crianças, e vital informar e dar as mulheres as ferramentas para saberem seu próprio diagnostico e tratamento.